

Adolescente engana hospital e leva bebê

Menina de 15 anos se passou por estagiária de enfermagem e ficou 5 horas em maternidade; ela havia sofrido um aborto seis meses atrás

A bebê Isadora foi devolvida pela família da garota seis horas após o crime; 'Ela é só uma criança', disse a mãe sobre a adolescente

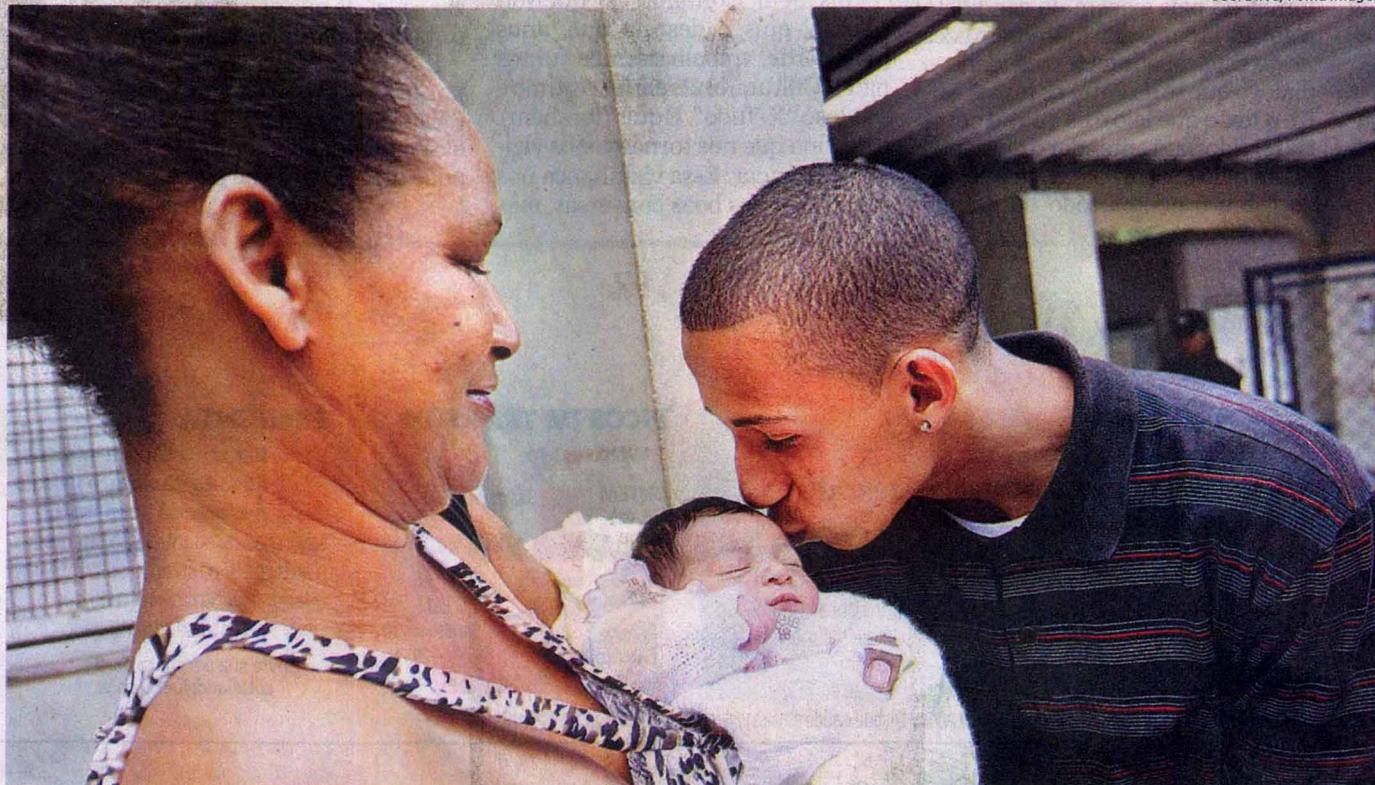
LAURA CAPRIGLIONE
DA REPORTAGEM LOCAL

A menina J., de 15 anos, surpreende pela beleza. Aparece 20 anos. É morena, tem a pele luminosa, olhos grandes, cabelos longos e negros.

Bastou um jaleco branco para a adolescente travestir-se de estagiária de enfermagem, entrar em uma das mais tradicionais maternidades públicas da zona leste de SP, a Leonor Mendes de Barros, enganar os funcionários e seguranças, passear por toda a ala dos partos normais, escolher uma menininha de pele clara recém-nascida, e desaparecer — com o bebê.

Entre as 18h05 e as 23h45 da terça-feira, a mãe da pequena Isadora Fernanda, a ajudante de costureira Luana Aparecida Pereira, 26, contorceu-se na perda da filha. “Uma dor tão grande, um vazio tão imenso, uma segura”, definiu.

Ontem, às 16h, mãe e filha saíram juntas do hospital. Isadora chorava forte. A costureira fez questão de agradecer aos pais de J., que providenciaram a devolução de Isadora. “Muito obrigada, muito obrigada, muito obrigada. Graças a eles, terei o meu primeiro Dia das Mães”. A costureira também perdoou



Avô e tio de Isadora, bebê sequestrado por J., uma adolescente de 15 anos, na maternidade Leonor Mendes de Barros, no Belém

a jovem: “Ela é só uma criança”.

Uma gravidez e um aborto involuntário, há quatro meses, estão na origem do drama. J., apaixonada pelo namorado (ela divide com ele um quarto na casa dos sogros), escondeu de todos que havia perdido o bebê aos cinco meses de gestação. Não procurou hospital para retirar os restos de placenta.

Nos últimos quatro meses, J. vestiu-se com roupas e batas

largas, de modo a sustentar a imagem da gestação de mentira. Também começou a ficar doente. Tinha febre constante, sangramentos, infecção uterina.

Na semana passada, promoveu um chá de bebê — para o bebê que não existia. Com os nove meses vencidos, anteontem foi o dia escolhido. Quando J. saiu da casa dos sogros, pediu à mãe do namorado que rezasse para que ela tivesse um dia

“bom” — sugeriu que podia ser naquele dia o nascimento.

Eram 13h quando entrou pela porta da frente da maternidade, vestindo o jaleco branco sem identificação. No térreo, há três elevadores e uma escada. Pelo menos três seguranças fazem a guarda desses acessos. Um deles, ainda se dirigiu à jovem, perguntando-lhe pelo crachá obrigatório. J. respondeu sem vacilar: “Estou autori-

zada pela supervisão da enfermagem”. E foi ao 2º andar.

Durante cinco horas, como se fosse estudante de uma escola de São Bernardo do Campo, munida de uma prancheta, ela visitou todos os leitos, fez questão de checar a aparência de cada criança, entrevistou enfermeiros e auxiliares de enfermagem, recebeu orientações sobre como mexer nas crianças, como lidar com as

mães. Anotou, anotou, anotou.

“Ela se apaixonou pela Isadora”, disse uma enfermeira que não quis se identificar (a direção do hospital não autorizou entrevistas). A mãe da menininha lembra-se de que, em quatro momentos diferentes daquela tarde, J. entrou no quarto 209, ocupado por quatro mulheres.

Por que a adolescente teria escolhido Isadora? Primeiro porque precisava ser menina. O pré-natal que J. fazia no posto de saúde já havia indicado o sexo do bebê que não chegou a nascer. Precisava ser pequenininho. Com 46 centímetros, um dia de vida e 2,4 kg, Isadora se prestaria à encenação. Precisava ser branca, como Isadora é. “E a menininha é linda mesmo”, derreteu-se uma funcionária do hospital.

Às 18h, J. entrou no quarto 209 e disse que levaria a menina “para dar uma voltinha no corredor”. Luana teve um mal pressentimento. Levantou-se da cama e ainda viu J. de costas, encaminhando-se para a saída. “Cadê o meu bebê?”

A menina de 15 anos disse que o havia entregue a outra enfermeira, de cabelos crespos, que o traria de volta dentro de instantes. Agora, J. carregava apenas uma bolsa preta grande. Dentro, quietinha, ia a pequena Isadora. Às 18h05, um grito gelou a maternidade: “Roubaram o meu bebê”.

➔ LEIA MAIS C3

Tornozeleira do bebê denunciou farsa de adolescente

J., que levou Isadora, disse aos sogros que menina nasceu na casa de uma amiga; sogra desconfiou ao ver identificação de hospital

Menina de 15 anos deve se apresentar na Vara da Infância e Juventude; polícia vai apurar responsabilidade do hospital no caso do roubo

DA REPORTAGEM LOCAL

J. chegou à casa dos sogros com uma história fantástica. Tinha dado à luz na casa de uma amiga, que a ajudou a limpar a criança, e já estava assim, totalmente recuperada. O namorado chegou a chorar de emoção ao ver a criança. Pegou Isadora no colo. Abraçou-a. Quando a sogra mexeu no bebê, entretanto, encontrou a tornozeleira de identificação, com a marca da Maternidade Leonor Mendes de Barros. A casa caiu.

Sogra e sogro convocaram o pai de J. Eram 23h45 de terça quando a família chegou ao 81º DP. Deram de cara com o delegado André Luiz Pimentel. Queriam falar sobre um bebê desaparecido. No andar de cima do DP, a delegada Maria Raquel Coreggio ouvia os parentes de Luana, a mãe de Isadora.

“Pois é, o nenê está aqui, com a gente”. Estava no estacionamento do DP, dentro de um carro, no colo de J.. Estava bem. A comemoração começou ali mesmo. Estendeu-se em correria pela avenida Celso Garcia — o DP fica a poucos metros da maternidade.

Quando Isadora foi levada, vestia um macacãozinho rosa com desenhos em vermelho. Voltou com outro — enxoval do bebê morto.

Aos policiais, J. contou que deixou o cobertor que envolvia a menina, “bem dobradinho” em uma sala da maternidade. “Fazia muito volume na bolsa.”

O detalhe não havia escapado à delegada: “Via-se, pelo cuidado, que a pessoa que havia levado a menina era uma mulher, provavelmente alguém que havia perdido uma criança.”

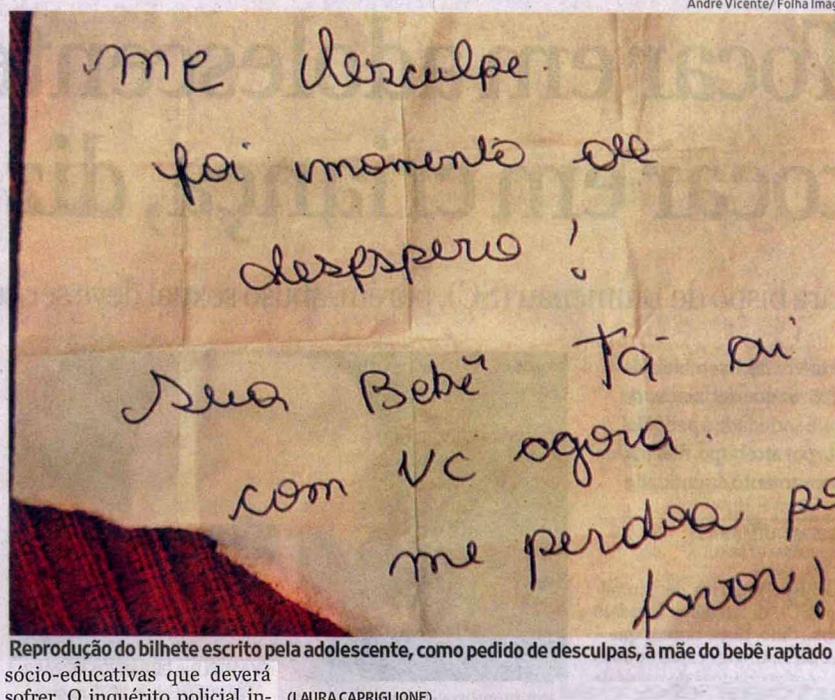
Um detalhe reforçava a tese: funcionárias disseram ter visto J. ir ao banheiro, trocar absorventes higiênicos. “Ela sangrava muito, como alguém que tivesse sofrido um aborto”. E havia o cheiro forte de sangue — todos os que estiveram com J.

relataram o mesmo.

O hospital não revista as bolsas de quem entra ou sai. As quatro câmeras apontadas para a calçada do hospital, que poderiam ter registrado imagens de J., estão quebradas.

Dado o alarme sobre o desaparecimento de Isadora, lacrou-se o hospital. Durante duas horas, aquilo foi um pandemônio. Revistou-se cada milímetro. J. saiu, pegou um táxi e então o metrô para chegar à casa dos sogros, também na zona leste. Nem as câmeras do metrô registraram imagens da adolescente.

A polícia sabe que J. perdeu outro filho há um ano. Na ocasião, tentou suicídio ingerindo veneno de rato. Ontem, feito o Boletim de Ocorrência, a menina foi enviada para o Hospital Municipal do Tatuapé. Hoje, ela deve se apresentar na Vara da Infância e Juventude do centro, que decidirá as medidas



Reprodução do bilhete escrito pela adolescente, como pedido de desculpas, à mãe do bebê raptado

(LAURA CAPRIGLIONE)

sócio-educativas que deverá sofrer. O inquérito policial investiga a responsabilidade do hospital no ocorrido.

A Secretaria de Estado da Saúde, responsável pelo hospital, disse em nota oficial que “uma sindicância foi aberta para apurar as circunstâncias do caso”. A **Folha** a assessoria de imprensa da pasta disse que J. entrou no hospital pelo pronto-atendimento, “o único local do hospital que tem acesso irrestrito, sem necessidade de identificação”, e que o fez “se passando por paciente”.

“Eu perdoo. Perdoo porque estou com a minha filha. Eu sei a dor que eu senti naquelas horas. Sei que foi essa a dor que ela [J.] deve ter sentido também. A minha dor já passou, a dela não”, disse Luana, toda sorrisos, na saída do hospital com a filha Isadora.

André Vicente/ Folha Imagem